

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

USOS E COSTUMES, TRADIÇÕES E BRUXARIA NAS OBRAS DE CAMILO CASTELO BRANCO.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1925 | Número: 35

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Usos e costumes, tradições e bruxaria nas obras de Camilo Castelo Branco. *Revista de Guimarães*, 35 (3) Jul.-Set. 1925, p. 187-200.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

:: USOS E COSTUMES :: TRADIÇÕES E BRUXARIA

NAS OBRAS DE
CAMILO CASTELO-BRANCO

(Continuação da página 28)

“Logo veremos como aquele gentio das aldeias do Córdova confundira a santidade com o bruxêdo. Um quarto de légua distante desta aldeia, chamada Cuparães, bem no agro e nu da serra, alvejava uma ermida, que as saraivas e os sóis tinham descaliçado.

Ao pé da ermida erguiam-se três breves lanços de parede, que tinham formado, com o quarto lanço já derruido, uma arribana. Contavam os lavradores que, no tempo de antigas guerras de Portugal com Espanha, um fidalgo da família dos Brandões de Coreixas, perseguido por ter atraído a pátria, se escondera ali com o hábito de ermitão e lá se finara santamente. Outros antiquários, mais esgaravadores de antigualhas, davam como certo e contado de pais a filhos que um rei fugido da Boémia viera para aquele ermo chorar os seus pecados, e tam chorados, que um anjo o levou amortalhado nas suas asas, assim que êle rendeu o espírito.” — (*A bruxa do Monte Córdova*, pág. 211).

Veja-se a passagem seguinte.

“Que Josefa, quando foi exorcismar-se à capela de S. Bartolomeu, a Cavez, não tinha no corpo o espírito

imundo, e acrescentou em parêntesis que não duvidava da existência de demónios súcubos e incubos. (1)

(1) A profunda certeza de que o corpo humano está exposto às invasões diabólicas, entra no Minho, em capacidades de bacharéis. Vinte e oito anos depois que o minorista professava crenças em obsessos, por 1841, na freguesia de Ribas, concelho de Celorico de Basto, um moço de lavoira requeria ao juiz de paz (que era dos órfãos também) neste sentido: «que a alma de certa pessoa se lhe metera no corpo e o não deixava dormir, exigindo-lhe um sermão e certo número de missas; e, como êle suplicante era pobre, requeria que esta despesa fôsse feita à custa da caixa dos órfãos.»

O juiz de paz ponderou sèriamente e conscienciosamente a justiça do pedido, mas não quis ainda assim decidir sem consultar pessoa de maiores teologias. Mandou, pois, ouvir o doutor curador dos órfãos, o qual respondeu «que se ouvisse prèviamente o conselho de família». O conselho reunido deliberou que, visto o curador não impugnar, era de parecer que se concedesse à alma a graça que requeria, e se aliviasse o rapaz do vexame. Em consequência, prègado o sermão e ditas as missas, o rapaz ficou são e escoreito.» — (*Maria Moisés — Novelas do Minho*, pág. 118 e 119).

Em dia de S. Bartolomeu anda o diabo à sôlta. São de facto advogados dos endemoninhados S. Bartolomeu e a Senhora das Neves, onde vão de longada na esperança da cura milagrosa.

A ideia dos espíritos e dos demónios persegue as criaturas fracas e molanqueiras de vontade, que uma vez doentes, em persistência de definhamento e consultados os bruxos sôbre a marcha da doença, êstes mais acirram na credulidade dos desgraçados as visões fantásticas da sua debilidade cerebral. E assim, num caminho de ruína, bruxas por um lado, com esconjuros vários, e drogas por outro, em atalhamento prejudicial, muitas criaturas vão ao tresleamento moral e ao farrapo da pobreza e da miséria, fazendo tudo que lhes é indicado, e cumprindo tôdas as exigências, de rezas e missas, quasi sempre, que os espíritos lhes ordenam em sonhos agitados de delírio, ou escabujando em gritos de possessos, urros de louco, vozes do diabo

que dentro do seu corpo lhes aperta o coração e estrangula a garganta.

Há nesta cidade um feiticeiro que lê os exorcismos, afugentando dos arcaboços o diabo.

Este ponto daria muito que estender para mais clara elucidação, visto que é um dos pontos mais complexos e interessantes da cartilha supersticiosa. O que é certo é que o povo, quer no gôzo da saúde ou no definhamento das doenças, e apegado de raiz ao fundo do seu supersticioso viver, satisfaz sempre e cautelosamente os ritos da ciência feiticeira e observa as práticas do seu saber benzilheiro.

A observação de Camilo é tam flagrante que não carece de mais desenvolvimento.

— Valha-a o demo! Custou-me a conhecê-la! Você vem assim a modo de quem anda a pedir para uma missa! Se quer beber, entre cá. Você parece esmaleitada, mulher!

— Deus lhe dê saúde; agora não é preciso. Vou cá dentro conversar com a sua companheira à conta dumas meadas.

— Meadas? Você lá as arranjam... — disse irônicamente João, ao que a mulher retorquiu:

— Vai-te deitar.

...Entretanto, a mulher de Manuel Tocha revelava à mãe de Josefa que sua filha estava doente de morrer, se lhe não acudissem...

— Tenho-lhe posto cataprasmas de orjavão e semprónia, há quatro meses a oito tôdas as noites — atalhou Maria Lage.

— Isso não lhe faz nada; é o mesmo que pô-las na barriga daquela cadela.

— Raios partam a cadela! isto é agouro...

— Sua filha está enfeitçada, tia Maria.

— Eu já a levei a S. Bartolomeu.

— O santinho tira o cão-tinhoso, mas não desfaz os bruxedos — replicou Rosária Tocha. — Vamos ver se ainda lhe podemos valer.

— Deu-lhe p'ra inchar! — observou a mãe da enfeitçada.

— Não qu'êlé é isso, quando o feitiço adrega de pegar d'ostração — explicou suficientemente Rosária.

— Vejam vocês! — volveu a outra assombrada, cruzando os braços. — Quem ma tolheu?

— Isso agora! — e olhou para o tecto. — Vamos. Leve-me onde a ela, que eu preciso requerê-la. Aqui levo as *arrelíquias* p'ra lhe deitar ao pescoço.

E mostrou dependuradas de um negalho surrado e sebáceo as seguintes, entre outras cousas cabalísticas: duas figas de azeviche, duas pontas de vaca-loira, um canudinho de latão como um agulheiro, outro como um dedal, um *signo-saimão* aberto em placa de chumbo. Dizia ela que os canudos continham ossos das sete irmãs santas naturais de Baço, de S. Cucufate de Braga, de S. Pascácio, bracarense também, e de S. Rozendo, do Pôrto, cidade que ainda não deu outro santo, nem promete, etc., etc." — (*Obra citada*, pág. 134 e 135).

As feiteceiras e os corpos-abertos têm e exercem certa preponderância sugestiva sôbre o povo, levando-o por vezes, as feiteceiras, a práticas de benzelhice pouco airosas e muito estapafúrdias, sugando-lhe bom dinheiro em sessões contínuas de bruxedo.

"Êle, que era pai de muitos pequenitos, não podia confundir os vagidos de um menino com os guinchos das desdentadas bruxas, as quais, por via de regra, costumam cacarejar casquinadas de riso quando lavam nas claras águas das ribeiras os seus indecentes arca-boiços." — (*Obra citada*, pág. 151).

As bruxas, em fralda e com luzes na mão, costumam tôdas as terças e sextas-feiras, ir dançar com os bodegões para os bosques à beira rio. E' do saber popular.

" — Que má olhadela me lançou aquele pêrro de forasteiro." — (*O Senhor do Paço de Ninães*, pág. 144).

As más olhadelas ou olhaduras são a causa de muitos males, prenúncio fatídico de muita

desgraça. Para se precaver delas, usa o povo vários amuletos, que desnecessário se torna enumerá-los, por demais conhecidos.

“E, no tocante à flor da murta, revelou que o francês ao dar-lha, dissera: “Que saudade me faz esta florinha! As noivas em França coroam-se com ela. Aceite-a, que eu lha ofereço com o amor santo dos noivos às companheiras da sua vida.” — (*A Engeitada*, pág. 35).

Em Portugal, a flor da laranjeira.

“Maria Eusébia, com as mãos cruzadas sôbre o seio, hirta e dura como o batente da porta a que se encostara, continuou o *Padre-nosso* interrompido, dando de ôlho a Custódia como se dissesse: “Está empedrada! é o demónio que a está atormentando!”

E, saíndo fora, tirou de uma caldeirinha de estanho um ramo de alecrim ensopado em água benta, e entrou a espargir as paredes da ante-câmara e a parede da porta da alcova, murmurando:

— Vai-te, cão tihoso, para a tua furna; vai-te onde não faças mal, dragão, pêrro!” — (*Ob. cit.*, pág. 51).

A água benta ou os defumadoiros afugentam todo o mal.

“ — Aqui estão papéis! — disse ela.

— Não ponha a mão nisso! — acudiu Luísa, gesticulando — Cautela, que não vá ser feitiçaria!” — (*Obra citada*, pág. 242).

Há duas coisas a que o povo tem imenso receio: as feitiçarias e os maus-olhados. Estas duas coisas são a razão de todos os seus males e infortúnios.

Para os evitar, o povo tem uma complicada cartilha de ensalmos e um arsenal de amuletos.

“O papel imediato era um embrulhinho quadrado.

— Não abra! exclamou Luísa, fazendo o sinal da cruz sôbre o embrulho, mas de longe.

Desdobrou Flávia o papel. . . .

Levantou-se a senhora, correndo pela sala com trejeitos de enlouquecida.

A velha benzia-se.

E Flávia bradava: — Sou eu! sou eu!

— Que será, meu milagroso S. Torcato! — resmungava Luísa, começando um credo em cruz. — (*Obra citada*, pág. 234).

As benzeduras, as cruces, e os nomes dos santos proferidos em socorro na maré de aflição, aliviam a alma do povo, tira-lhe os sustos e os males não empecem.

«Parece pois que a voz do sangue não gritava, e que a natureza, nem sempre amordaçada pela lei absurda que faz os pais demonstrados pelas núpcias, *nuptiae demonstrant*, estava protestando, no desamor de Roberto, contra o sofisma daquela progenitura de coito danado.» — (*Vulções de Lama*, pág. 38).

E' expressão corrente e usada chamar o povo filhos de *couto danado* aos filhos de mulher casada, que os tenha sem que sejam de seu legítimo marido.

«Havia ali perto, em Romariz, certa mulher dentro da qual falavam as almas dos defuntos. Era a Joana Gaia, a Toqueriné de alcunha, irmã do João Canastreiro. Era um *corpo-aberto* ou *casa-aberta*, como lá chamam a êsses domicílios excepcionais, pela fácil entrada que as almas penadas acham naqueles latrinários arcaboços. Os defuntos serviam-se da língua da Toqueriné para reclamarem sufrágios, orações, restituições de roubos e o perdão dos vivos prejudicados na honra ou na fazenda.» — (*Obra citada*, pág. 48).

Alusão a uma feiticeira ou corpo-aberto.

Agora um bocadinho de prosa, em correspondência de Alvaiázere para o «Diário de Notícias»:

«No vizinho lugar do Barraqueiro appareceu um individuo que se dizia em comunicação com as almas penadas,

caíndo em êxtase freqüentes vezes e reclamando a celebração de missas pelo eterno descanso de determinados defuntos. Para a celebração dessas missas havia o necessário peditório de porta em porta, efectuado por indivíduos que «caridosamente» se prestavam a essa missão. A medida que o dinheiro ia correndo, os «espíritos» cada vez se manifestavam mais emaciados, fazendo, todos os dias, novas exigências de sufrágios.

O Delegado do Governo, desconfiado da piedade dos tais indivíduos, não esteve com meias-medidas e mandou capturá-los para averiguações. Entretanto, o «médium», entregue aos seus ataques epilépticos, continuava a arrastar-se pela povoação, dando o tristíssimo espectáculo da sua doença.

Apurou-se o seguinte: os referidos indivíduos haviam lançado mão dêsse desventurado, para mais idiota, e forçavam-no a pedir, em nome dos mortos, os sufrágiosinhos de que careciam para que lhes fôsem abertas as portas da bem-aventurança.

Isolado, o desventurado não voltou a suplicar missas pelas almas penadas.»

« — Quem se habilitava para casar com a Balbina era eu, se o Artur estivesse a fazer tijolo nas partes do remoto oriente.» — (*Obra citada*, pág. 111).

Fazer tijolo é uma forma corrente (calão) por que designam aqueles a quem lhes arrefece o céu da bôca, aqueles que vão para mineiros, para a cidade dos pés juntos, para as malvas, para o maneta, etc.

Porém, se Camilo se exprimiu em brasileiro, o *fazer tijolo* é o mesmo que *fazer pé d'alferes*, como no-lo indica Alberto Bessa na «Gíria Portuguesa».

« — Ora faça-se de novas... — replicou o de Alijó — Anda aqui a namoriscar êste mundo e o outro! O Baltasar tem zelos... pudera não!

— De quem?

— Ainda o pergunta a feiticeira! zelos daquele mata-cães do Salvador! Basta ser de Guimarães o pisa-verdes! Diz lá o ditado: *Deus nos livre de Gui-*

marães, onde prendem a gente e soltam os cães (1). O Salvador Teixeira não os solta; dá cabo dêles, quando atira aos porcos.....

— Deixe lá o homem... — atalhou D. Mécia.

— Deixo, deixo, assim êle me deixe a mim; o que eu não quero é caçar com êle, porque um homem que atira a um porco e mata um cão, pode muito bem atirar a um coelho e matar um homem que está atrás dêle...

Mas a prima, como não faz tenção de andar a caçar com o marido, não se lhe dá de casar com o peralvilho de Guimarães, ein?

— ; Eu já lhe disse que casava com êle?

— Dizem-no por aí e afinal casa. Eu sei que ainda ontem não tinha dado o sim, mas... o rapaz é rico, o Baltasar tem pouco... às duas por três, lá se me vai a prima para Guimarães, e eu declaro-lhe que a não vou lá visitar, porque tenho zanga àqueles pantalões que são muito pespontados em sabenças e doutorices. Tem lá uma cousa a que chamam academias onde pregam sermões. Assisti uma vez a uma dessas zaralhices, quando fui à feira comprar potros, e ri-me à farta daqueles toleirões." — (*O Santo da Montanha*, pág. 137 e 138).

Êste personagem de Camilo, com dor de cotovelo, arreganhou de fúria. Apre! Modos de falar... Tanto assim que outro personagem nos diz: "*Sou de Guimarães, onde os corações têm mais aço que flores. Tudo que ali nasce parece sair da forja onde se fazem as rijas lâminas das facas de mato e das alabardas.*" — (*O Regicida*, pág. 14).

O personagem de Camilo fala-nos na Academia Vimaranesense, da qual o P.^e Caldas, no *Guimarães*, vol. I, pág. 312, nos diz muito de fugida, por falta de documentação: Foi fundada em 3 de Dezembro de 1724 pelo erudito

(1) Em nota Camilo explica: «O anexam já foi usado por D. Francisco Manuel de Melo; não o inventou D. José de Noronha, nem eu. Consulte a pág. 276 dos «Apólogos Dialogais».»

fidalgo Tadeu Luís António Lopes de Carvalho Afonseca e Camões, presidindo à primeira sessão o Dr. Francisco da Cunha Rebelo, cônego e vigário geral. Na oração de abertura instigou os académicos ao culto das letras pátrias, em honra do país em geral e do berço da monarquia em especial.

Nas sessões desta academia, sempre grandiosas e solenes, tratavam-se variados e curiosos assuntos, em prosa e verso, nas línguas nacional e estrangeira, que eram hábilmente faladas.

No aniversário dos acontecimentos mais solenes ou nas manifestações de regosijo público, esta academia era sempre a levantar novos monumentos de glória à nossa literatura.

P.^o Caldas cita ainda as reuniões mais solenes e aparatosas e os nomes dos que ennobreceram a academia.

No *Guimarães Agradecido*, impresso em Coimbra nos anos de 1747 e 1749, encontram-se muitos e variados assuntos, alguns jocosos, tratados em diversas reuniões da academia, principalmente nas de 1747 e 1748, por ocasião da visita do arcebispo de Braga, D. José de Bragança.

O que P.^o Caldas não diz é o nome da academia, que afinal vou encontrar no *Portugal*, dicionário histórico, corográfico, biográfico, etc., de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, no vol. I, pág. 41: «*Academia Problemática de Guimarães*. Fundada em 1721 (engano; foi a 3-12 1724) por Tadeu Luís A. Lopes da F. Camões, donatário do couto de Negrelas e Abadim; tinha por fim a resolução de problemas históricos e científicos.»

Da história e da vida desta academia, não nos diz nada, circunstanciadamente exposto, como seria para desejar, o P.^o Caldas, nem eu tampouco posso dizer mais, em virtude de falharem os documentos necessários, que dizem possivelmente existir numa biblioteca particular de Guimarães.

Seria curioso e de flagrante utilidade, o estu-

do desenvolvido da *Academia Problemática de Guimarães*.

*

Os termos acima empregados por Camilo, *pisa-verdes* e *pantalões*, vêm no Nov. Dic. C. de Figueiredo e o termo *zaralhices* não se encontra. *Zaralhices* vem naturalmente de *zarelho*, que o Nov. Dic. regista com a significação seguinte: «Homem metediço; homem ou rapaz travêso; zaranza. (Prov. minh.): indivíduo que gagueja um pouco, etc.»

« — Mas olha, Francisco, — ajuntou Lopo — que debaixo daquela casca grossa está um bom coração.» — (*Obra citada*, pág. 150).

Casca grossa — Pessoa grosseira, mal educada, etc. E' corrente e popular.

« — Isso de amigos, replicou o Canastreiro, tó carocha.» — (*Vulções de Lama*, pág. 54).

Vem no Nov. Dic. Cândido de Figueiredo: «*Carocha* — (prov. minh.): bandeira do milho. (Interj., t. de Barcelos): Arreda! Fora! Some-te.»

E' vulgar o termo entre nós com as duas significações. Parece-me que na segunda acepção é conhecido em todo o Minho.

«...e por caminhos travessios chegaria à extrema da mata.....» — (*A Engeitada*, pág. 61).

Travessios — Transversais, cortados de travessos. Vem no Nov. Dic. C. de Figueiredo como bras.

«O que êle descobriu lá do alto foi a passagem de Custódia à raiz dum monte, por caminho de pé-pôsto, só trilhado de cabras...» — (*Ob. cit.*, pág. 70).

Pé-pôsto — Feito pelo trilho dos pés, pela acção das caminhadas. O mesmo que carreiro.

“ — Vestidos de folhos, três saias engomadas, fitas ao pescoço e na cabeça, sapatos de lacinhos, capa de mangas com muitas trapallices a pingar, em nome do Padre, do Filho, e do Espírito-Santo, que tafulice! Quem vir aquele paninho de armar, *ruge-ruge* pela igreja dentro, ha-de cuidar que é alguém que vem de algures; afinal é a mulher de um espingardeiro!” — (*Mistérios de Fafe*, pág. 38).

Paninho-de-armar — Mulher que anda sempre muito bem vestida, mas que não tem nada que a recomende.

E' forma corrente e popular. Não vem no Nov. Dic. C. de F.

“ — Olhe, fidalgo, vou-lhe contar a minha vida. Eu tive o meu pecado. Quem os não tem?... Andava eu nos meus dezóito quando fui namorada (1). Enjeitei o filho, porque meu pai dava-me cabo do canastro, se soubesse que eu dera em droga, como lá dizem.” — (*Obra citada*, pág. 108).

Tem significação em geral diferente, no Minho pelo menos, da que Camilo dá, a palavra *namorada*. Ser *namorada* não equivale pois, a *ser mãe ilegítima*.

Tem uma significação mais restrita mas marcada e precisa. Quando o povo diz que Fulana foi *namorada* ou que Beltrana está *namorada*, tôda a gente sabe que Fulana e Beltrana estão desfloradas.

O Nov. Dic. C. de F. diz de menos, dando simplesmente à palavra *namorada* a significação corrente de «rapariga ou mulher, que alguém namora ou galanteia; conversada». E acrescenta mais, como prov. alent.: «o mesmo que *carr-*

(1) Em nota, Camilo elucida: «*Ser namorada* equivale a ser mãe ilegítima. Frase aldeã e minhota que, se entrasse nos vocabulários das cidades, com a mesma significação, iria defraudar a já pobre fraseologia das donzelas e donzeis que se namoram licitamente no «Diário de Notícias» e noutras partes.»

piço, por se dizer que um indivíduo tem tantas namoradas, quantos os carrapiços se lhe pegaram ao fato».

Carrapiço é o que nós chamamos nesta região, *amor*, e que é uma espécie de pequenino ouriço, que encerra as sementes de certas ervas e que se agarram facilmente ao fato da gente e à lã do gado lanígero, e que constitui um divertimento dos rapazes, atirando êsses pequenos *amores* às saias das mulheres, com rabinhos de papel ou setas, ao dependuro.

« — Sabe porque é? é porque dorme com êle, e lhe come no colo, e êle o traz às carrachuchas lá pelo quintal.» — (*Obra citada*, pág. 109).

Já registei nos meus «Provincianismos Minhotos» o termo carrachucho.

O Nov. Dic. C. de F. traz só os termos *carrachas*, *carranchadas*, *carranchinhas* e *carrancholas*, que são prov. trasm. e com a mesma significação de *carrachuchas*.

A's carrachuchas ou *ao carrachucho* — levar de escacha pernas, sôbre os ombros, às cavalitadas. Vulgar e usada qualquer das formas.

« — Cá os pobres nisto de casamento não são como os fidalgos que se aconchavam às vezes sem se verem nem conhecerem; e por isso tam mal-casados os vejo cá por Guimarães... Nada. O sistema dos mecânicos é melhor. A gente antes de dar o' sim, olha no interior do génio de cada um, e sabe com quem vai lidar... Ora pois, senhor João, isto não vai de afogadilho, que não é morte de homem nem roubo de igreja.» — (*Mistérios de Fafe*, pág. 16).

O povo diz mais freqüentemente: *Não é morte de homem nem casa roubada.*

« — Pois separemo-nos. Sempre ouvi dizer que casados querem-se sós. Sogra nem de barro à porta, diz lá o ditado.» — (*Obra citada*, pág. 34).

Sogras nem de barro à porta, e noras nem das de tirar água, — acrescenta o povo, tornando o ditado mais completo e contundente para ambas as partes.

Sogras são rodilhas.

“ — Dê-lhe vossa excelência bem de comer, e vestir e calçar, que êle o conhecerá. Diz lá o ditado: Quem dá é pai.” — (*Obra citada*, pág. 110).

O povo diz mais freqüentemente: *Quem dá é tio.*

“Foi Domingas à cozinha, deu as ordens com o rosário pendente no pulso, e mandou um criado à igreja com um cântaro de água e recado ao senhor padre Custódio se fazia o favor de lha benzer.

Estava Caetano almoçando, ao mesmo tempo que Domingas com a mão cheia de ramos de alecrim andava pela casa espargindo grandes hissopadas de água benta. Nem o fidalgo escapou àquela burziguada de chuva reparadora.” — (*Obra citada*, pág. 144).

Já disse que a água benta e os defumadouros são duas armas poderosas do povo para a espantação de coisas ruins.

“Era o que faltava! mandar uma senhora honesta sua filha a casa da mulher do Ataíde, da *Ana Bolena*, como lhe chamavam as burguesas do Pôrto!

(As damas portuenses chamam *Anas Bolenas* às senhoras mal procedidas. Ali sabe-se história a valer! E já daquela ciência histórica do Pôrto alguns ramais têm chegado ao centro do Minho, porque as lavradeiras dali, se querem execrar uma mulher impudica, chamam-lhe *Inês de Carasto*). — (*Obra citada*, pág. 199).

Desconheço êste ponto.

“Morre quem Deus quer”, é um in-fólio de filosofia esta sentença aldeã.” — (*A mulher fatal*, pág. 113).

E' corrente o dizer.

“ — Sim, senhora D. Filomena. Eu digo a vossa excelência o que as mães aldeãs dizem aos filhos: “Se falas no diabo, êle aparece-te.” — (*Ob. cit.*, pág. 130).

Equivalente ao — Fala no mau, prepara o pau. Constitui grave imprudência, é crença geral, as mães dizerem aos filhos, quer à hora do meio-dia, quer às trindades, a frase banal que lhes anda sempre à flor dos lábios em descompostura arreganhada: *Diabos te levem para o meio dos quintos...* E' que àquelas horas, meio-dia e trindades, o diabo anda à sôlta, e pode calhar de fazer a sua partida.

Conta-se o caso de uma maré, qualquer, por estas redondezas, uma mãe dizer ao seu filho, à hora do meio-dia, por entre as frases mais malcriadas e modos de nenhum respeito (como é de uso, entre esta gente educar os seus filhos), o dito vulgar de *Diabos te levem*, vendo ela com espanto, que o filho lhe ia desaparecendo diante dos olhos, sem atinar em quem lho levava, salvando-se do transe afligido e salvando o filho das garras do porco-sujo proferindo: “Jesus, Nosso Senhor...”

E o povo conta mais casos. Com o diabo não se brinca.

“ — Vejam que pelém êste!” — (*Ob. cit.*, pág. 70).

Vem no Nov. Dic. C. de F. como prov. trasm. e beir.: “*Pelém* — Homem entanguido. Magrizela. Chòchinha; inhenho.”

E' termo igualmente minhoto e muitíssimo usado. O nosso povo usa-o até, e mais frequentemente, numa acepção variada: “E' um pelém a comer”. Quer dizer: come pouco, é biqueiro, picheiro, etc. Conhecido também como pessoa que é adoentada, que não tem fôrças, etc.

(Continua).

ALBERTO V. BRAGA.